

Brizolista que Lulou

Contados os votos, consumada a vitória de Lula, não há mais o que pensar. O negócio, agora, é apoiar o candidato do PT. Votei em Brizola, por achar que ele seria a melhor opção para o País. O seu passado, seus dois governos no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, sua determinação em contrariar os



interesses do grande capital para reorientar a economia em favor do bem-estar social, levaram-me a crer nisso.

Remoídas as mágoas da derrota, paciência. É preciso dar a volta por cima porque a vida continua. O que está em jogo não é a sorte de um candidato, a preferência de uma sigla partidária, mas o destino do Brasil. Ruim sem Brizola, pior com Collor, pois com Lula permanece a esperança dos trabalhadores, dos oprimidos, vítimas da agiotagem interna e externa.

É hora de as esquerdas se unirem em torno do candidato do PT. É preciso reconhecer que Lula chegou com méritos indiscutíveis ao segundo turno. Um ex-operário que viveu todas as mazelas de um assalariado comum, que vestiu macacão na fábrica, bateu ponto o mês inteiro para ganhar o pão de cada dia que a política salarial do governo amassou. Elegeu-se líder sindical, levou pancada da polícia da ditadura. Nunca se submeteu, não negociou a dignidade. Virou deputado para defender os interesses dos trabalhadores na Constituinte.

Se Lula não tem experiência administrativa para governar, deve-se perguntar, também, de que valeu, até agora, a experiência dessa gente que há tanto toma conta do Palácio do Planalto. Dificilmente um cidadão qualquer, pouco letrado, sobrevivente do salário mínimo, conseguiria fazer tanto estrago ao nosso país, como esses letrados que passaram pela Presidência, desde a Proclamação da República. O resultado dessa experiência está aí: a miséria do povo e uma dívida externa de mais de 100 bilhões de dólares para a Nação — leia-se, os assalariados — pagar.

Hélio Guarany — SQN 411.